



Universidade de Brasília

EDUARDA SILVA MATOS

A CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS NO ROMANCE ÚRSULA

Brasília

2025

EDUARDA SILVA MATOS

A construção das personagens femininas no romance Úrsula.

Monografia apresentada no Curso de Licenciatura em Língua Portuguesa e respectiva literatura em Letras, da Universidade de Brasília, como requisito parcial para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira

Orientando(a): Eduarda Silva Matos

Brasília/DF 2025

**Ficha catalográfica. Confeccionar, conforme normas
UnB. Ver biblioteca.**

EDUARDA SILVA MATOS

A construção das personagens femininas no romance Úrsula.

COMISSÃO EXAMINADORA

Prof. Dr. Danglei de Castro Pereira (Presidente)
Universidade de Brasília/UnB

Trabalho avaliado no âmbito da disciplina Monografia em
Literatura. Departamento de Teoria Literária e literaturas.
Instituto de Letras-UnB

Brasília /DF, 28 de Abril de 2025

MATOS, Eduarda Silva. **A construção das personagens femininas no romance *Úrsula***. 2025. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em Língua portuguesa e respectiva literatura - Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2025.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivos analisar e compreender a construção das personagens femininas no século XIX, com foco na personagem preta Susana, do romance *Úrsula* (1859), considerado o primeiro romance de caráter abolicionista do Brasil. A obra foi escrita pela maranhense Maria Firmina dos Reis, reconhecida como a primeira romancista negra brasileira. A autora enfrenta os padrões literários de sua época ao dar voz e protagonismo a personagens negros. A análise da personagem Susana busca destacar a maneira singular com que Maria Firmina utiliza a literatura como um instrumento de resistência, promovendo uma crítica ao racismo e à exclusão social enquanto valoriza as vivências e subjetividades de pessoas negras.

Palavras-chave: Maria Firmina dos Reis. *Úrsula*. Susana. Escravidão. Romance

MATOS, Eduarda Silva.: **A construção das personagens femininas no romance Úrsula.** 2025. Trabalho de Conclusão de Curso Licenciatura em língua portuguesa e respectiva literatura – Universidade de Brasília, Brasília/DF, 2025.

ABSTRACT

This paper aims to analyze and understand the construction of female characters in the 19th century, focusing on the black character Susana, from the novel *Úrsula* (1859), considered the first abolitionist novel in Brazil. The work was written by Maria Firmina dos Reis, from Maranhão, recognized as the first black Brazilian novelist. The author challenges the literary standards of her time by giving voice and protagonism to black characters. The analysis of the character Susana seeks to highlight the unique way in which Maria Firmina uses literature as an instrument of resistance, promoting a critique of racism and social exclusion while valuing the experiences and subjectivities of black people.

Keywords: Maria Firmina dos Reis. *Úrsula*. Susana. Slavery, Romanec

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me guiado durante toda a caminhada

Aos meus pais, por serem minha base e por me encorajar. Obrigada pelas histórias que foram contadas aos finais dos dias e por me fazer amar a literatura. Pra vocês todo meu amor e gratidão.

Ao meu companheiro, Miqueias, que foi brisa em meio aos furacões, calma nas tempestades. Obrigada por transbordar amor e por me fazer permanecer sempre.

Aos professores que marcaram minha trajetória acadêmica, minha eterna admiração. Em especial, à professora Sandra, que me guiou na escolha deste tema, e o professor Rogério por tornar o processo mais leve.

Às minhas amigas Luiza e Ravena, minhas companheiras de vida, obrigada por serem abrigo. Levo vocês comigo em cada conquista

E aos amigos que a UNB me presenteou, obrigada por fazerem da UnB um jardim florido, sem vocês nada disso seria possível.

*“Eles combinaram de nos matar.
Mas a gente combinamos de não morrer.”*

Conceição Evaristo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. TRAJETÓRIA E OBRAS DE UMA MARANHENSE	11
3. O ROMANCE ÚRSULA	14
4. ESCRAVIDÃO EM ÚRSULA	19
5. CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS	27
5.1 Úrsula	27
5.2 D. Luísa B.	28
5.3 Adelaide	30
5.4 Mãe de Tancredo	32
5.5 Susana	33
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS	38

1 INTRODUÇÃO

O cenário literário do século XIX foi marcado por produções de obras de autoria masculina. Em um contexto em que as mulheres eram marginalizadas e silenciadas, Maria Firmina dos Reis se propôs a inovar. Apesar de ser uma mulher negra, filha de uma ex-escravizada que estava à margem da sociedade, Maria Firmina desafia os modelos tradicionais ao publicar sua obra *Úrsula*. A obra, considerada o primeiro romance de caráter abolicionista da literatura brasileira, foi um divisor de águas no contexto literário. O romance narra com detalhes os momentos de escravidão e crueldade, fazendo uma crítica a uma prática muito comum na época e desafiando as crenças da elite. Além de apresentar personagens negros como seres dignos, dando local de fala a sujeitos que eram frequentemente silenciados, negros escravizados e mulheres.

Apesar de ter sido um marco para a história da literatura, devido ao contexto social, com o passar dos anos o romance e a autora foram esquecidos. Somente após vinte anos, suas obras voltaram a ganhar notoriedade.

A escolha desse tema se deu a partir de uma afirmação significativa: O nome de Maria Firmina dos Reis, embora tenha voltado a ser alvo de pesquisas, ainda hoje, não é tão conhecido como deveria. Apesar de toda sua trajetória, e de ser considerada a primeira autora abolicionista da literatura brasileira, seu nome e suas obras ainda não são de conhecimento de uma grande maioria, até mesmo no meio acadêmico. Com isso, optei em utilizar a obra *Úrsula* como objeto de estudo, especialmente por ter sido produzido por uma autora negra e se tratar de uma obra pioneira. Neste sentido, esse trabalho busca analisar a construção das personagens femininas dentro do romance, destacando a personagem preta Susana que é responsável por relatar um dos momentos mais sensíveis e cruéis da narrativa.

Inicialmente, foi realizada uma pesquisa sobre Maria Firmina dos Reis, considerando o cenário brasileiro do século XIX, com o objetivo de retratar sua trajetória de vida e produções profissionais. Desse modo, busca-se descrever como o contexto e o meio social influenciaram na construção de suas obras. Em seguida, no segundo capítulo, com o intuito de situar o leitor quanto aos acontecimentos principais do romance para melhor entendimento do trabalho, é realizado um resumo da obra, apresentando brevemente os personagens centrais e destacando os principais acontecimentos do enredo.

Considerando que um dos fatores que faz a obra se destacar é justamente a forma em que a autora aborda o processo de escravidão, trazendo subjetividade e dando espaço aos personagens marginalizados, o terceiro capítulo, busca apresentar e analisar, através dos relatos dos personagens escravizados, o processo cruel de escravidão dentro do romance. Além disso irá abordar a inovação da autora, e maneira em que ela dá voz a esses sujeitos dentro da narrativa e as características atribuídas aos personagens escravizados.

Por fim, no quarto capítulo, analiso a construção das personagens femininas presentes na obra, com ênfase na forma em que são apresentadas e os papéis que exercem em um contexto machista e patriarcal. A personagem Preta Susana é parte central nessa parte da pesquisa. Assim, será analisada a representação da personagem e a importância do seu protagonismo como mulher negra e escravizada.

2. TRAJETÓRIA E OBRAS DE “UMA MARANHENSE”

Maria Firmina dos Reis nasceu em 11 de outubro de 1825, no município de São Luís, capital do maranhão. Foi registrada como filha de João Pedro Esteves e de Leonor Felippa dos Reis, mulher negra, alforriada e pobre, ocupando uma posição de vulnerabilidade em um contexto em que o Brasil era marcado pela escravidão e desigualdade social. Em 1830 com cinco anos, Maria Firmina dos Reis e sua irmã Amália Augusta dos Reis, passam a morar em São José dos Guimarães, local em que viveu até o dia de sua morte, em 11 de novembro de 1917. Em Guimarães, Maria Firmina passa a residir com sua tia materna, que possuía melhores condições financeira, garantindo que Maria Firmina tivesse acesso a educação. Durante sua jornada educacional, teve o auxílio de Francisco Sotero dos Reis, primo materno, jornalista, escritor e gramático. Ao longo de sua vida, Maria Firmina não se casou e não teve filhos biológicos, somente filhos adotivos e muitos afilhados.

Vivendo em um período caracterizado pela discriminação social e racial, Maria Firmina desafiou os padrões impostos pela sociedade da sua época. Em agosto de 1847, concorreu a uma vaga da cadeira de primeiras letras na província do Maranhão, sendo a única candidata aprovada, essa conquista foi um grande marco, considerando que o acesso à educação na época era limitado, especialmente para mulheres negras, Maria Firmina ocupou esse cargo até 1881. Após sua aposentadoria em 1880, fundou no vilarejo de Maçaricó, a primeira escola mista e gratuita do Brasil, as aulas aconteciam em um barracão, onde meninos e meninas se reuniam pela manhã para assistir as aulas. Aqueles que possuíam boas condições financeiras, pagava pelas aulas, já os que não possuíam podiam participar sem custos. No entanto, a atitude ousada causou grande alvoroço na sociedade conservadora da época, fazendo com que as aulas fossem suspensas após dois anos, Nascimento Moraes Filho afirma que essa atitude era “uma revolução social pela educação e uma revolução educacional pelo ensino, o seu pioneirismo subversivo de 1880” (1975).

O século XIX foi um período marcado pela escravidão e dominada pelo patriarcado, as mulheres, em sua maioria, eram limitadas e obrigadas a se dedicarem exclusivamente a trabalhos domésticos e de cuidados, as meninas brancas da elite eram instruídas desde cedo a servir o marido, e realizar com excelência as funções previstas no casamento e na maternidade, já as mulheres negras e escravizadas eram submetidas a trabalhos forçados e a violência física, sexual e psicológica. Duarte afirma;

A educação da menina devia se preocupar com a formação de seu caráter e correção dos maus instintos. Os ideais de obediência e submissão deviam ser transmitido através de ensinamentos morais, e todos concordavam que era preciso educá-las porque elas educariam o homem de amanhã. Quanto mais bem formadas fossem as mulheres, do ponto de vista moral e religioso, mais elas garantiriam o bom caráter dos filhos (DUARTE, 2003, p. 12).

Como aponta Bourdieu, os papéis sociais são divididos entre funções atribuídas aos homens e às mulheres. Aos homens são destinados ofícios considerados racionais, essenciais e prestigiados, enquanto às mulheres cabem funções associadas à afetividade, à passividade ou que, de algum modo, são socialmente desvalorizadas. Essa organização simbólica serve para manter uma relação de poder que sustenta a desigualdade entre os gêneros e busca preservar a supremacia da figura masculina sobre a feminina.

Cabe aos homens, situados do lado do exterior, do oficial, do público, do direito, do seco, do alto, do descontínuo, realizar todos os atos ao mesmo tempo breves, perigosos e espetaculares, como matar o boi, a lavoura ou a colheita, sem falar do homicídio e da guerra, que marcam rupturas no curso ordinário da vida. As mulheres, pelo contrário, estando situadas do lado do úmido, do baixo, do curvo e do contínuo, veem ser-lhes atribuídos todos os trabalhos domésticos, ou seja, privados e escondidos, ou até mesmo invisíveis e vergonhosos, como o cuidado das crianças e dos animais, bem como todos os trabalhos exteriores que lhes são destinados pela razão mítica. (BOURDIEU, 2010 p. 41)

Nesse contexto, Maria Firmina dos Reis se destaca, de forma singular, já que, para a época, era totalmente incomum, até mesmo para as mulheres brancas, optarem por não se casar, não ter filhos e ainda exercerem profissões como a docência e a publicação de obras literárias. Suas escolhas demonstravam uma ruptura de um modelo social presente na época. Essa atitude já seria considerada ousada se partisse de uma mulher branca da Elite, no caso de Maria Firmina, torna-se ainda mais significativo, considerando que ela era uma mulher negra e que, além de ter que lidar com uma sociedade machista e patriarcal, precisava enfrentar também o racismo.

Em 1859, o romance *Úrsula* foi publicado em livro impresso “Como era comum numa época em que as mulheres viviam submetidas a inúmeras limitações e preconceitos, Maria Firmina dos Reis omite seu nome tanto na capa quanto na folha de rosto de *Úrsula*, ali consignando apenas o pseudônimo “uma maranhense” (DUARTE – 2005). Duarte afirma:

“Ao publicar *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis desconstrói igualmente uma história literária etnocêntrica e masculina até mesmo em suas ramificações afro-descendentes. *Úrsula* não é apenas o primeiro romance abolicionista da literatura brasileira, fato que, inclusive, poucos historiadores admitem. É também o primeiro romance da literatura afro-brasileira, entendida esta como produção de autoria afro-descendente, que tematiza o assunto negro a partir de uma perspectiva interna e comprometida politicamente em recuperar e narrar a condição do ser negro.” (DUARTE, 2004, p. 06)

Após a publicação do romance *Úrsula*, Maria Firmina dos Reis passa a participar ativamente da imprensa e jornais locais, publicando também o conto *Gupeva* em 1881, o livro de poesias *Cantos a Beira mar* em 1871 e o conto a *Escrava* em 1887. Além das obras literárias, Maria Firmina dos Reis também era compositora, produzindo diversos cantos, incluindo o *Hino da Libertação dos Escravos*. Maria Firmina faleceu, com 95 anos, em Guimarães, no Maranhão, no dia 11 de novembro de 1917.

Conhecida como a Mestra regia, Maria Firmina foi uma figura pioneira importante no campo educacional e literário brasileiro, no entanto “Maria Firmina dos Reis, lida e aplaudida no seu tempo foi como por amnésia coletiva totalmente esquecida: o nome e a obra” (MORAIS FILHO, 1975). Firmina foi redescoberta em 1962 pelo bibliófilo e historiador Horácio de Almeida, quando procurava textos natalinos de autoria maranhense, em jornais do século XIX. Em 1975, teve sua biografia *Maria Firmina Fragmentos de uma vida* publicado pelo escritor e jornalista, José Nascimento Moraes filho, e com isso, voltou a ganhar notoriedade.

É fato que o esquecimento de Maria Firmina dos Reis não foi algo isolado. Outras autoras como Carolina Maria de Jesus, também foram vítimas desse apagamento. As obras de Maria Firmina são, sem dúvida, uma das mais relevantes na história da literatura Brasileira. No entanto devido à construção social que historicamente marginaliza escritores negros e mulheres, sua obra não foi incorporada ao cânone literário. Além de ser de autoria negra e feminina, o romance *Úrsula* traz diversos temas delicados que confrontavam o modelo escravocrata e patriarcal da época, fato que também pode ter contribuído para o seu esquecimento durante tantos anos. Felizmente, nos últimos anos, suas obras vêm sendo redescobertas e têm ganhado reconhecimento.

3. O ROMANCE ÚRSULA

Para realizar a análise deste trabalho, se faz necessário apresentar o contexto do romance Úrsula e o papel de seus personagens na construção da narrativa. A história se desenrola em meio a um cenário marcado pela escravidão e pelas rígidas hierarquias sociais do século XIX, abordando temas como opressão, injustiça e resistência. “O pseudônimo escolhido revela seu desejo de especificar seu lugar de enunciação e sua condição como mulher – o que vai ser reafirmado no prólogo do romance.” (OLIVEIRA, 2007, P. 69)

Já no início do livro, Maria Firmina dos Reis adota um tom de desculpas ao se dirigir ao leitor. Em uma sociedade onde a escrita era um espaço predominantemente masculino e elitizado, a autora parece sentir a necessidade de justificar sua presença no campo literário. Em seu prólogo, ela se refere à própria obra como “mesquinha” e “humilde”:

Mesquinho e humilde livro é este que vos apresento, leitor. Sei que passará entre o indiferentismo glacial de uns e o riso mofador de outros, e ainda assim o dou a lume. Não é vaidade de adquirir nome que me cega, nem o amor próprio de autor. Sei que pouco vale este romance, porque escrito por uma mulher, e mulher brasileira, de educação acanhada e sem o trato e a conversação dos homens ilustrados, que aconselham, que discutem e que corrigem; com uma instrução misérrima, apenas conhecendo a língua de seus pais, e pouco lida, o seu cadebal intelectual é quase nulo. (Reis, 2018, p. 21)

O trecho acima reflete a realidade do século XIX, em uma sociedade preconceituosa e dominada pelo patriarcado, em que o privilégio da alfabetização era restrito à elite branca e a mulher era marginalizada. A postura modesta e autodepreciativa era comum entre as mulheres da época, sendo uma estratégia geralmente utilizada como forma de ganhar espaço em um meio regido por homens.

A obra retrata o relacionamento amoroso entre Úrsula e Tancredo. Úrsula é narrada como a típica donzela branca, doce e pura, que, após o assassinato de seu pai, passa a residir em um casarão somente com sua mãe, Luísa D., e os escravos Túlio e Susana, que a auxiliam nos cuidados da mãe, já doente e parálitica. Já Tancredo é descrito como o típico herói branco e destemido.

Úrsula e Tancredo se conhecem após ele se acidentar, devido ao cansaço de uma longa caminhada, e desmaiar sobre seu cavalo, que cai sobre o seu corpo, deixando-o imóvel. Por

sorte, Túlio passava pelo caminho quando encontra o cavaleiro desacordado sob o corpo do animal. Num ato de compaixão, Túlio socorre o cavaleiro e o leva até a casa de D. Luísa B. D., local em que Tancredo passa a receber os cuidados de Úrsula e Túlio. Durante o período em que Tancredo se recupera, começa a ter diversos delírios causados pela febre, nos quais cita diversas vezes o nome “Adelaide”, deixando Úrsula curiosa.

Nessa parte é possível notar o contraste entre as personagens Úrsula e Adelaide. Úrsula é descrita a todo momento como uma figura de pureza e ingenuidade: “Úrsula tornara-se para ele a imagem vaporosa e afagadora de um anjo: e o que se passava naquele coração enfermo só ele o sabia” (REIS, 2018, p. 37). Já Adelaide, também descrita como bela é constantemente associada a uma figura diabólica: “Mulher infame e desdenhosa, fria e impassível como a estátua! Inexorável como o inferno!... Assassina!” (Reis, 2018, p. 34).

Após acordar, Tancredo se sente extremamente grato pelos cuidados de Túlio e decide presenteá-lo com uma quantia em dinheiro, a qual o escravo utiliza para comprar sua alforria. Túlio, como ato de gratidão, promete se juntar ao cavaleiro e acompanhá-lo aonde ele for, tornando-se assim seu companheiro. Nesta parte é possível observar uma crítica de Maria Firmina dos Reis, ao escrever: “Túlio obteve pois por dinheiro aquilo que Deus lhe dera, como a todos os viventes — era livre como o ar” (Reis, 2018, p. 38).

Com a melhora de Tancredo, os jovens se apaixonam e declaram seu amor. Assim, o cavaleiro decide contar a Úrsula quem é Adelaide, a mulher tão mencionada em seus momentos de alucinação. Adelaide foi acolhida pela mãe de Tancredo após ficar órfã de pai e mãe, sendo criada como filha enquanto Tancredo estudava fora. Ao retornar, ele encontra a bela jovem por quem se apaixona. No entanto, ao comunicar o desejo de casar-se com Adelaide, é impedido por seu pai, um homem rígido: “Meu pai era para com ela um homem desapiedado e orgulhoso — minha mãe uma santa e humilde mulher” (Reis, 2018, p. 49). Adelaide pertencia a uma classe social mais baixa e, por isso, o casamento foi inicialmente negado. Após insistência, o pai consente, mas exige que Tancredo viaje a trabalho antes. A princípio, o mancebo resiste à ideia, mas, por estar apaixonado, acaba cedendo, partindo em viagem com a promessa de retornar para se casar com Adelaide.

Durante o período em que estava fora, o cavaleiro trocava cartas com sua mãe e Adelaide. Entretanto, em um dado momento, o mancebo passa a receber cada vez menos retorno de suas correspondências. Assim, após o período destinado ao trabalho, Tancredo decide voltar

para casa. Ao chegar, encontra na mesa uma carta escrita por sua mãe antes de falecer. O mancebo fica profundamente abalado com a morte de sua mãe e ali passa dias lidando com a perda.

Passados alguns dias, o cavaleiro decide viajar em busca de Adelaide. Ao chegar em sua antiga casa, encontra Adelaide ainda mais bela, com um vestido de seda e colar de pérolas. No entanto, ao se aproximar de seu grande amor, é repreendido por sua fala: “Tancredo, respeitai a esposa de vosso pai!” (Reis, 2018, p. 64). Neste momento, o cavaleiro percebe que, durante seu período fora, seu pai e Adelaide se envolveram amorosamente, e a mulher que seria sua esposa agora era esposa de seu pai. Tancredo, indignado com a situação e associando a morte de sua mãe ao desgosto causado por seu pai e Adelaide, deixa a casa em que passou sua primeira infância. Úrsula demonstra compaixão e empatia com a situação de Tancredo.

Após isso, Úrsula retorna ao quarto de sua mãe, que está com a saúde abalada. As duas mantêm um diálogo, até que Tancredo entra no quarto. O cavaleiro agradece a estadia e se compromete a ajudar Luísa B. no que for necessário. Ao perceber que o mancebo estava comovido, Luísa B. começa a contar sua história de vida e pede que Tancredo proteja sua filha. Com isso, o cavaleiro faz juras de amor e promete a Luísa B. que, ao voltar, irá se casar com Úrsula e torná-la uma mulher feliz. Então, Tancredo e Túlio partem em viagem.

No dia seguinte, Úrsula decide voltar à floresta onde ia todos os dias para refletir, quando se depara com um caçador que a observa. Úrsula pensa em fugir, quando o homem, até então desconhecido, a chama e diz conhecer sua mãe. O cavaleiro então se declara para a jovem, diz estar apaixonado e pede sua mão em casamento. Úrsula nega e volta aflita para sua residência.

Alguns dias depois, D. Luísa B. B. recebe uma carta de seu irmão, Fernando P., pedindo para que se reencontrem uma última vez. Quando Fernando chega à casa de sua irmã, Úrsula reconhece nele o caçador da floresta e, assustada, sai correndo sem rumo. Nessa visita, o comendador P. informa sua irmã que está apaixonado por Úrsula e que irá se casar com ela. Enquanto Úrsula lida com o encontro com seu tio, ela se depara com Susana, com lágrimas nos olhos, que lhe traz a informação de que sua mãe está partindo. A donzela, então, retorna rapidamente ao quarto de sua mãe, mas o comendador P. já havia saído do local. Luísa B. a aconselha a fugir e se despede de sua filha. Em seguida, falece.

Após a morte de D. Luísa B. B., a jovem decide ir até o túmulo de sua mãe para lidar com sua perda. No entanto, acaba desmaiando. Neste momento, Tancredo e Túlio, que voltavam de sua viagem, se deparam com Susana em lágrimas. Ela conta ao cavalheiro que D. Luísa B. B. havia falecido após receber a visita de seu irmão, Fernando P., e que este havia prometido se casar com Úrsula. Túlio e Tancredo, preocupados, perguntam onde a donzela está, e Susana responde que a jovem foi ao cemitério. Os dois, então, voltam à procura de Úrsula e a encontram ao lado do sepulcro de sua mãe. Com a chegada do cavalheiro, a jovem desperta e conta que seu tio, Fernando P., está à sua procura e irá forçá-la a se casar com ele. Então, os três seguem em viagem. Chegando à cidade, Úrsula fica em um convento para garantir sua segurança até o dia de seu casamento com Tancredo.

Após receber a notícia da morte de sua irmã, Fernando P. retorna ao casarão de D. Luísa B. B. à procura de Úrsula. Ao chegar, se depara somente com Susana. Ao ser questionada sobre onde estava a donzela, responde que ela havia ido orar sozinha no cemitério. Então, Fernando P. segue até o cemitério à procura da jovem. Ao chegar lá, não a encontra, e retorna ao casarão, onde acusa Susana de ser cúmplice de Úrsula, decidindo levá-la consigo para que ela confesse algo. Nesse momento, um dos homens que acompanhava Fernando P. diz ter recebido a informação de que a jovem foi vista na companhia de dois homens na cidade próxima.

Com o casamento se aproximando, Tancredo dá a Túlio uma missão que não poderia ser cumprida por mais ninguém. No entanto, no caminho, Túlio é sequestrado a mando de Fernando P., que faz diversas propostas para que ele entregue Tancredo — todas em vão. Então, o comendador o mantém preso e vai à procura de Úrsula. Em um momento de descuido, Túlio consegue fugir e correr ao encontro de Úrsula e Tancredo. Ao chegar à cidade, o casamento já havia acontecido. Túlio, que estava na beira da estrada, percebe um movimento incomum e grita para Tancredo, avisando que os homens de Fernando P. estavam ali.

Ao avisar o cavalheiro da presença dos homens, Túlio é atingido e acaba morrendo ali mesmo. Tancredo, indignado por ter perdido seu amigo fiel, tenta atirar em Fernando P., mas não consegue acertá-lo. O cavalheiro, já desarmado, só podia esperar a morte. Úrsula, em um ato de amor, implora que Fernando P. a mate no lugar dele — a súplica foi em vão. Diante de tamanha aflição, a jovem desmaia no colo de seu esposo. Tancredo, transbordando amor, dá um beijo ardente na donzela. O comendador, cheio de ira e ciúmes, retira a jovem dos braços de Tancredo e os dois iniciam uma briga. Fernando P. tira um punhal e atinge Tancredo, que falece.

O comendador então leva Úrsula para morar em sua casa. No entanto, a donzela, após a perda de seu grande amor, se mostrava cada dia mais pálida e doente. Fernando P., ao ver a jovem nesse estado, sentia-se cada vez mais culpado e se castigava diariamente.

Certo dia, o comendador estava sentado em seu jardim, com o olhar baixo e aflito, quando o sacerdote se aproximou e lhe mostrou um cadáver sendo carregado. Fernando P. então o questiona sobre quem era a pessoa falecida, e o sacerdote responde: “Vedes? — lhe disse apontando com o dedo na direção do poente — É ela, é Susana” (Reis, 2018, p. 140). E o culpa pela morte da inocente. O comendador, então, sentindo-se culpado pelo assassinato de Tancredo, Susana, Túlio e Paulo, cai em lágrimas.

Após isso, Fernando P. pede ao sacerdote que o leve até os aposentos de Úrsula, pois havia muitos dias que não a via. Ao chegar ao quarto da donzela, o comendador se depara com a jovem, que havia enlouquecido. O sacerdote e o comendador adentram o quarto da donzela e começam a orar fervorosamente. Nesse momento, Úrsula aperta a última flor de sua capela sobre o peito e falece. Dois anos se passam desde a morte de Úrsula, e o comendador P., agora conhecido como Frei Luiz de Santa Úrsula, após confessar seus crimes a um padre, acaba falecendo, carregando uma grande culpa.

4. A ESCRAVIDÃO EM ÚRSULA

Um dos aspectos que torna a obra de Maria Firmina dos Reis tão rica e singular é a forma como ela aborda a temática da escravidão. A autora a explora com clareza e sensibilidade, tratando de uma realidade que, à época, era pouco debatida. Por meio dos personagens Túlio,

Antero e Susana, Maria Firmina rompe com o padrão predominante no século XIX e apresenta uma nova perspectiva que humaniza os sujeitos escravizados, denunciando as agressões e a crueldade a que eram submetidos. Nesse sentido, Kracheski afirma:

O romance *Úrsula*, de Maria Firmino dos Reis, é, dessa maneira, inovador não só pelo fato de ter sido escrito por uma mulher, a primeira a trabalhar com este tema, mas também porque marca uma importante diferença discursiva que opõe-se profundamente ao abolicionismo hegemônico na literatura brasileira até então.” (kracheski, 2018, p. 54)

Túlio é apresentado logo no primeiro capítulo do romance, nomeado com: “*Duas almas generosas*”, quando o escravizado encontra Tancredo caído na floresta e decide ajudá-lo. Esse encontro inicial já estabelece uma relação simbólica entre os dois personagens, colocando um homem branco da elite e um homem negro escravizado como semelhantes, unidos por um gesto de solidariedade. Ao dar esse título para o capítulo, Maria Firmina dos Reis já inicia a narrativa com um tom de manifesto. A ideia de que ambos os personagens possuem “almas generosas” rompe com a lógica racista do século, que desumanizava os negros e os colocava à margem da sensibilidade, da moral e da nobreza.

O homem que assim falava era um pobre rapaz, que ao muito parecia contar vinte e cinco anos, e que na franca expressão de sua fisionomia deixava adivinhar toda a nobreza de um coração bem formado. O sangue africano fervia-lhe nas veias; o mísero ligava-se à odiosa cadeia da escravidão; e em balde o sangue ardente que herdara de seus pais, e que o nosso clima e a servidão não puderam resfriar, em balde – dissemos – se revoltava, porque se lhe erguia como barreira – o poder do forte contra o fraco!... (Reis, 2018, p. 27)

Em uma sociedade em que a religião era um dos principais pilares morais e sociais, e que a maior parte da população era cristã, Maria Firmina utiliza os próprios valores do cristianismo para fazer uma crítica de forma sutil. Afinal, como era possível seguir uma religião que pregava a igualdade e a importância de amar o próximo como a si mesmo, e, ainda assim, cometer tantas atrocidades. Dessa forma, a autora aponta a contradição e atinge de forma eficaz o maior público leitor da época, questionando a hipocrisia dos religiosos na prática.

Senhor Deus! Quando calará no peito do homem a tua sublime máxima – ama a teu próximo como a ti mesmo –, e deixará de oprimir com tão repreensível injustiça ao seu semelhante!... Àquele que também era livre no seu país... Àquele que é seu irmão?

o mísero sofria; porque era escravo, e a escravidão não lhe embrute- cera a alma; porque os sentimentos generosos, que Deus lhe implantou no coração, permaneciam intactos e puros como a sua alma. Era infeliz, mas era virtuoso; e por isso seu coração enterneceu-se em presença da dolorosa cena, que se lhe ofereceu à vista.” (Reis, 2018, p. 28)

Após salvar a vida de Tancredo, Túlio é questionado sobre como gostaria de ser recompensado. O jovem o responde que gostaria que o mancebo tratasse outras pessoas que estão na mesma situação que ele com gentileza. Com isso, Maria Firmina faz o leitor ficar pensativo, pois mesmo podendo escolher qualquer coisa, o jovem deseja que os seus semelhantes possam ser tratados com dignidade, pelo menos uma vez, da mesma forma que ele foi.

Túlio – acrescentou após breve pausa – oh dize, dize, meu amigo, o que de mim exigis; porque toda a recompensa será mesquinha para tamanho serviço. — Ah! Meu senhor – exclamou o escravo enternecido – como sois bom! Continuai, eu vo-lo suplico, em nome do serviço que vos presto, e a que tanta importância quereis dar, continuai, pelo céu, a ser generoso e com- passivo para com todo aquele que, como eu, tiver a desventura de ser vil e miserável escravo! Costumados como estamos ao rigoroso desprezo dos brancos, quanto nos será doce vos encontrarmos no meio das nossas dores! Se todos eles, meu senhor, se assemelhassem a vós, por certo mais suave nos seria a escravidão.” (Reis, 2018, p. 31)

O cavaleiro se mostra compreensivo e afirma que também não concorda com a maneira desumana em que os escravizados são tratados. No entanto, apesar do pedido humilde do rapaz, o mancebo o concede sua liberdade como forma de agradecimento pelos cuidados em que teve com ele durante todos esses dias. Contudo, apesar de ser um homem livre agora, Túlio promete acompanhar o mancebo por onde ele vá, como uma forma de agradecimento.

Túlio acompanhava-o. Tinha-se alforriado. O generoso mancebo, assim que entrou em convalesça, dera-lhe dinheiro correspondente ao seu valor como gênero, dizendo-lhe: — Recebe, meu amigo, este pequeno presente que te faço, e compra com ele a tua liberdade.” (Reis, 2018, p. 38)

Nesse momento, Maria Firmina utiliza mais uma vez dos principais cristãos para fazer uma denúncia, expondo novamente uma contradição entre a vida prática e os valores religiosos pregados, pois não deveria ser correto pagar por algo que foi dado por Deus a todos.

Túlio obteve pois por dinheiro aquilo que Deus lhe dera, como a todos os viventes. Era livre como o ar, como o haviam sido seus pais, lá nesses adustos sertões da África; e, como se fora a sombra do seu jovem protetor, estava disposto a segui-lo por toda a parte. Agora Túlio daria todo o seu sangue para poupar ao mancebo uma dor sequer,

o mais leve pesar; a sua gratidão não conhecia limites. A liberdade era tudo quanto Túlio aspirava; tinha-a – era feliz!” (Reis, 2018, p. 38)

Apesar de não ser uma personagem direta do romance, a mãe de Túlio aparece na narrativa através de um relato sensível do jovem, durante uma conversa com Tancredo. Ele conta um pouco da história de sua mãe, uma mulher escravizada que sofreu muito nas mãos do comendador P. mas que, apesar da angústia, ainda sim se preocupou em deixar o seu filho em boas mãos, para protegê-lo como podia. Embora não haja muitos detalhes, sua morte também foi consequência da violência da escravidão.

Pois bem – prosseguiu Túlio, com voz lagrimosa – minha desgraçada mãe fez parte daquilo que ele comprou aos credores, e talvez fosse ela mesma uma das coisas que mais o interessava. Quando ela se viu obrigada a deixar-me, recomendou-me entre soluços aos cuidados da velha Susana, aquela pobre africana que vistes em casa de minha senhora, e que é a única escrava que lhe resta hoje! Minha mãe previa a sorte que a aguardava; abraçou-me sufocada em pranto, e saiu correndo como uma louca. Ah! Quão grande era a dor que a consumia! Porque era escrava, submeteu-se à lei que lhe impunham, e como um cordeiro abaixou a cabeça, humilde e resignada. Bem pequeno era eu – continuou Túlio após uma pausa entrecortada de soluços –; mas chorei um pranto bem sentido por vê-la se partir de mim, e só comecei a consolar-me, quando mãe Susana à noite balouçando-me na rede, disse-me: — Não chores mais, meu filho, basta. Tua mãe volta amanhã, e te há de trazer muito mel, e um balaio cheio de frutas. — Enxuguei os olhos e dormi na doce esperança de revê-la; e à noite sonhei que a vira carregada de frutas, como a boa velha me havia dito. Embalde a esperei no outro dia! Porém mãe Susana, que chorava enquanto eu cuidava dos meus brinquedos, sorria-se quando me via, e procurava fazer-me esquecer minha mãe e seus afagos. Minhas forças eram ainda débeis para compreender toda a extensão da minha desgraça, e por isso as saudades que me ficaram, pouco e pouco, foram-se-me adormecendo no peito. Eu estava já crescido; mas nunca mais a havia visto; era-nos proibida qualquer entrevista. Um dia, disseram-me: — Túlio, tua mãe morreu! Ah! Senhor! Que triste coisa é a escravidão!” (Reis, 2018, p. 108)

No capítulo IX, a autora nos apresenta uma das personagens principais do romance. Preta Susana. Ela é narrada como uma mulher africana, negra escravizada, que, apesar de todas as violências que sofreu, se mantém doce e gentil. Susana exerceu um papel fundamental na vida de Túlio, assumindo uma figura de mãe. Durante o romance, é possível notar que, ao se referir a outros personagens escravizados, há sempre uma relação de irmandade, tratando-se como membros da mesma família, compartilhando da mesma dor.

E aí havia uma mulher escrava, e negra como ele; mas boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe enquanto lhe sorriu essa idade lisonjeira e feliz, única na vida do homem que se grava no coração com caracteres de amor – única, cuja recordação nos apraz, e em que...” (Reis, 2018, p. 76)

Em dado momento do romance, quando Túlío decide seguir viagem com Tancredo, Susana tem uma memória e decide a compartilhá-la. Esse momento se destaca dentro da narrativa, pois, além de retratar temas sensíveis, a autora abre um espaço de fala para uma personagem negra, mulher e escravizada, algo que era totalmente improvável para época. Em um século em que o negro era visto somente como um objeto ou uma posse, Maria Firmina tem um ato revolucionário ao trazer esse personagem como uma pessoa de fato, com sentimentos, opiniões e preferências.

Túlío, meu filho, ninguém a gozou mais ampla, não houve mulher alguma mais ditosa do que eu. Tranquila no seio da felicidade, via despontar o sol rutilante e ardente do meu país, e louca de prazer a essa hora matinal, em que tudo aí respira amor, eu corria as descarnadas e arenosas praias, e aí com minhas jovens companheiras, brincando alegres, com o sorriso nos lábios, a paz no coração, divagávamos em busca das mil conchinhas, que bordam as brancas areias daquelas vastas praias. Ah! Meu filho! Mais tarde deram-me em matrimônio a um homem, que amei como a luz dos meus olhos, e como penhor dessa união veio uma filha querida em quem me revia, em quem tinha depositado todo o amor da minha alma: uma filha, que era minha vida, as minhas ambições, a minha suprema ventura, veio selar a nossa tão santa união. E esse país de minhas afeições, e esse esposo querido, e essa filha tão extremamente amada, ah Túlío! Tudo me obrigaram os bárbaros a deixar! Oh! Tudo, tudo até a própria liberdade” (Reis, 2018, p. 79)

Nesse trecho Suzana narra como era sua vida antes de ser escravizada. Em seu relato, compartilha detalhes do local em que morava, repleto de natureza e praias, retrata a riqueza e a fartura, e reforça como era estar livre de fato. Ela também fala sobre seu companheiro e sua filha. Tudo isso contribui para que a personagem seja vista como um ser humano, que possuía uma vida digna antes de ser capturada, e que após esse sequestro passa a ser somente como uma posse.

Tinha chegado o tempo da colheita, e o milho e o inhame e o amendoim eram em abundância nas nossas roças. Era um destes dias em que a natureza parece entregar-se toda a brandos folgares, era uma manhã risonha, e bela, como o rosto de um infante, entretanto eu tinha um peso enorme no coração. Sim, eu estava triste, e não sabia a que atribuir minha tristeza. Era a primeira vez que me afligia tão incompreensível

pesar. Minha filha sorria-se para mim, era ela gentilzinha, e em sua inocência semelhava um anjo.” (Reis, 2018, p. 79)

A maneira como os relatos de Susana são construídos, começando por uma lembrança agradável e, aos poucos, mergulhando em um cenário de sofrimento, reforça uma das grandes denúncias feitas por Maria Firmina dos Reis ao longo do romance. Esse contraste não acontece por acaso. Ao apresentar a recordação de Susana dessa forma, a autora demonstra o impacto da violência da escravidão de forma mais profunda, começando com um momento de afeto e pertencimento para mostrar como tudo isso foi brutalmente tirado. Além disso, esse trecho desmascara um discurso muito comum na época, que retratava os escravizados como violentos e bárbaros, como se a agressividade fosse uma característica natural deles.

esta é a primeira vez em que a captura e a escravização de africanos são representadas na literatura brasileira, sendo Úrsula gesto inaugural de toda uma linhagem abolicionista em nossas letras. Publicado há mais de século e meio, o romance se destaca pela contundência com que expõe os métodos de abordagem daqueles que transformam seres humanos em mercadoria e força de trabalho submissa. A diegese, o tom, e a própria escolha vocabular explicitam a perspectiva autoral, identificada aos sofrimentos das vítimas” (Mendes, 2018 p. 231)

Dessa forma, Maria Firmina inverte os papéis ao mostrar que a verdadeira crueldade partia daqueles que sustentavam o sistema escravocrata. O processo de captura dos negros, descrito de maneira direta e sem suavizações, revelam a impiedade da escravidão, deixando claro que os verdadeiros atos de brutalidade eram cometidos contra os escravizados, e não praticados por eles. Tal como afirma Oliveira:

Chamamos a atenção para a presença em Úrsula de uma reversão no sentido dessas palavras, pois Mãe Susana, ao denunciar a violência do aprisionamento, por duas vezes denomina como bárbaros os estrangeiros que a capturaram e demonstra que o que ela deixa para trás, ao ser trazida para o Brasil, não é uma barbárie, mas uma sociedade organizada na qual ela tinha plantações, família, amigos... Diante desta situação, cabe- no interrogar: Quem é o bárbaro e quem é o civilizado?” (Oliveira, 2007, p. 63)

logo dois homens apareceram, e amarraram-me com cordas. Era uma prisioneira – era uma escrava! Foi em balde que supliquei em nome de minha filha, que me restituíssem a liberdade: os bárbaros sorriam-se das minhas lágrimas, e olhavam-me sem compaixão. Julguei enlouquecer, julguei morrer, mas não me foi possível... a sorte me reservava ainda longos combates. Quando me arrancaram daqueles lugares, onde

tudo me ficava – pátria, esposo, mãe e filha, e liberdade! Meu Deus! O que se passou no fundo da minha alma, só vós o pudestes avaliar!...” (Reis, 2018, p. 79)

Seguindo com os relatos impiedosos, Susana relata como foram os dias a bordo de um Navio Negreiro, expondo o sofrimento, a dor e a humilhação que os africanos escravizados eram submetidos durante a travessia. Na qual, homens, mulheres e crianças passavam de seres dignos e individuais a uma mera mercadoria. Por meio da narrativa de Susana, marcada pela crueldade e dor, a autora, rompe um silêncio que era imposto as vítimas da escravidão, e questiona um ato que era considerado natural.

Meteram-me a mim e a mais trezentos companheiros de infortúnio e de cativeiro no estreito e infecto porão de um navio. Trinta dias de cruéis tormentos, e de falta absoluta de tudo quanto é mais necessário à vida passamos nessa sepultura até que abordamos às praias brasileiras. Para caber a mercadoria humana no porão fomos amarrados em pé e para que não houvesse receio de revolta, acorrentados como os animais ferozes das nossas matas, que se levam para recreio dos potentados da Europa. Davam-nos a água imunda, podre e dada com mesquinhez, a comida má e ainda mais porca: vimos morrer ao nosso lado muitos companheiros à falta de ar, de alimento e de água. É horrível lembrar que criaturas humanas tratem a seus semelhantes assim e que não lhes doa a consciência de levá-los à sepultura asfixiados e famintos!” (Reis, 2018, p. 80)

Os relatos de Susana não cessam por aí. Ao chegar em terras brasileiras, ela é comprada por Fernando P., um homem que não demonstrava um pinga de empatia ou compaixão. Susana segue narrando, com riqueza de detalhes, como foram os dias difíceis enquanto esteve sob a posse do comendador. Ela descreve as humilhações constantes, a frieza com que ela e os seus companheiros eram tratados de forma totalmente desumana.

O comendador P. foi o senhor que me escolheu. Coração de tigre é o seu! Gelei de horror ao aspecto de meus irmãos... os tratos por que passaram doeram-me até o fundo do coração! O comendador P. derramava sem se horrorizar o sangue dos desgraçados negros por uma leve negligência, por uma obrigação mais tibiamente cumprida, por falta de inteligência! E eu sofri com resignação todos os tratos que se dava a meus irmãos, e tão rigorosos como os que eles sentiam. E eu também os sofri, como eles, e muitas vezes com a mais cruel injustiça.” (Reis, 2018, p. 80) **Duarte afirma:**

Preta Suzana configura aquela voz feminina portadora da verdade histórica e que pontua as ações, ora com comentários e intervenções moralizantes, ora como verdadeira pitonisa a tecer passado, presente e futuro nos anúncios e previsões que, por um lado, preparam o espírito do leitor e aceleram o andamento da narrativa e, por outro, instigam a reflexão e a crítica. Essa voz emerge, pois, das margens da ação para carregá-la de densidade, do mesmo modo que sua autora, que também emerge das margens da literatura brasileira para agregar a ela um instigante suplente de sentido: o da afrobrasilidade” (Duarte, 2018 p. 235)”

Além de os dolorosos retratos de Susana, no capítulo XVIII, a autora também apresenta a narrativa de um outro personagem escravizado, Antero era um homem velho que pertencia a

Fernando P. Antero era responsável por vigiar a casa do comendador enquanto ele estivesse fora. O personagem parece no romance, quando Túlío é pego por Fernando P. e mantido em cativeiro. “Antero era um escravo velho, que guardava a casa, e cujo maior defeito era a afeição que tinha a todas as bebidas alcoolizadas.” (Reis, 2018, p. 129) .

Pois bem, – continuou o velho – no meu tempo bebia muitas vezes; embriagava-me, e ninguém me lançava isso em rosto; porque para sustentar meu vício não me faltavam meios. Trabalhava, e trabalhava muito, o dinheiro era meu, não o esmolei.

Entendes?”(Reis, 2018, p. 131)

O personagem não possui muitas falas no romance, mas durante a narrativa também compartilha do mesmo sentindo de Susana, o sentimento de saudade de sua terra natal.

Pois ouça-me, senhor conselheiro: na minha terra há um dia em cada semana, que se dedica à festa do fetiche, e nesse dia, como não se trabalha, a gente diverte-se, brinca, e bebe. Oh! Lá então é vinho de palmeira mil vezes melhor que cachaça, e ainda que tiquira.(Reis, 2018, p. 131)

Dessa forma, ao abordar a escravidão em Úrsula, Maria Firmina dos Reis exerce um ato político ao denunciar a violência e fazer uma crítica a desumanização impostas às pessoas negras, além de dar voz a personagens que, mesmo dentro de um sistema opressor, demonstram sensibilidade, consciência e resistência. Através de figuras como Susana, Túlío e Antero a autora rompe com o silenciamento comum na literatura da época e propõe uma nova forma de olhar para os sujeitos escravizados, não como objetos de dor, mas como seres humanos plenos, capazes de sentir, pensar e lutar. E além de buscar desconstruir pensamentos que eram comuns para a época, como a ideia de que a escravidão é toda a cruel em que os escravizados eram submetidos era algo natural e necessário, e chega a fazer uma crítica a violência simbólica. Segundo Bourdier:

violência simbólica se institui por intermédio a adesão que o dominado não pode deixar de conceder ao dominante (e, portanto, à dominação) quando ele não dispõe, para pensá-la e para pensar, ou melhor, para pensar sua relação com ele, mais que de instrumento de conhecimento que ambos têm em comum e que, não sendo mais que a forma incorporada da relação de dominação, fazem esta relação ser vista como natural; ou em outros termos, quando os esquemas que ele põe em ação para se ver e se avaliar, ou para ver e avaliar os dominantes (elevado/baixo, masculino/feminino, branco/negro, etc.), resultam da incorporação de classificações, assim naturalizadas, de que seu ser social é produto (Bourdieu, 2010, p. 47).

De acordo com Naiara Krachenski, a forma como Maria Firmina utiliza os relatos dos personagens para compor a narrativa trás uma individualidade a esses sujeitos. Além de

humaniza-lós, a autora lhes concede um lugar ativo no enredo, quebrando os padrões estabelecidos para a época. O fato de Maria Firmina ter tido contato com pessoas que realmente passaram por situações semelhantes, faz com que a narrativa tenha uma riqueza de detalhes, que sensibiliza o leitor e o aproxima da realidade detalhada.

Estes recursos de uso da memória das personagens escravizadas sobre suas vidas em África e suas experiências com a liberdade e também com o cativeiro são importantes de serem evocadas não só pelo fato de concederem a estas personagens um lugar de sujeito na história e na narrativa literária, conforme já afirmamos. Estas lembranças evocadas pelas personagens de Maria Firmina nos fazem pensar sobre a oralidade das histórias de escravos que existiam no próprio círculo social ao qual a autora pertencia. Descendente ela mesma da “cadeia odiosa da escravidão”, Maria Firmina com certeza teve contatos diretos com pessoas escravizadas que compartilhavam as lembranças de suas terras natais e das experiências no cativeiro, bem como tais histórias deveriam circular como narrativas orais passadas entre as gerações” (Krachenski, 2018 pág 59)

5.CONSTRUÇÃO DAS PERSONAGENS FEMININAS

Ao longo do romance, Maria Firmina constrói personagens femininas que vão além do padrão narrativo esperado para o século XIX. A autora constrói cinco personagens distintas e complexas, cada uma com características próprias que as tornam únicas na obra e desafiam ou expõe o estereótipo feminino da época. Neste capítulo irei analisar as principais personagens femininas do romance, com foco principal na personagem Susana.

5.1 Úrsula

Úrsula, a garota que dá título a obra, é apresentada desde o início dentro do estereótipo da donzela romântica, moça branca, angelical e meiga, que busca incansavelmente o par ideal para construir uma linda história de amor, ou seja, possuindo todas as características físicas e mentais para ser considerada a jovem perfeita, seguindo todos os padrões que eram impostos as mulheres brancas da época. “Úrsula sentia uma vaga necessidade de ser amada, de amar

mesmo; mas em quem empregar esse amor, que devia ser puro como a luz do dia, ardente como o fogo de madeira resinosa?! Em quem? Não o sabia ainda.” (REIS pág 41)

— Úrsula, — continuou o mancebo, reconhecendo sua perturbação — Úrsula, mimosa filha da floresta, flor educada da tranquilidade dos campos, porque tremeis de me ouvir a voz?! (..) — Úrsula, — prosseguiu com voz que inspirava confiança — compreendo, e avalio a perturbação em que vos achais; porque é inocente e pura vossa alma;” (Reis, 2018, p. 42)

Esse estereótipo se mantém durante a maior parte do romance no intuito de reafirmar um padrão estabelecido para a jovem, em que a mulher deveria ser bondosa e possuir naturalmente habilidades maternas e de cuidado, isso se repete ao retratar Úrsula que além de se dedicar aos cuidados de sua mãe doente se desdobrava para auxiliar Túlio nos cuidados de Tancredo, um jovem que ela nem conhecia.

É que aquele anjo de sublime doçura repartia com seu hóspede os diuturnos cuidados, que dava à sua mãe enferma [...] Era ela tão subcaridosa... tão bela.. e tanta compaixão lhe inspirava o sofrimento alheio, que lágrimas de tristeza e de sincero pesar se lhe escaparam dos olhos, negros, formosos e melancólicos (Reis, 2018, p. 32).

A autora segue narrando a personagem com doçura e pureza, no trecho abaixo, a donzela fica surpresa ao descobrir que o seu amado vem de uma família abastada, reforçando a ideia de que ela a amou sem nenhum interesse em posses, retratando o amor romântico, puro e sem interesses.

Então uma viva palidez tingiu as faces avermelhadas da pobre. Úrsula, que na sua ingenuidade nunca tinha indagado do nobre cavaleiro o seu sobrenome. Sabia de seu nome, que era Tancredo, e esse lhe bastou; seu nascimento, sua posição social, não lhe lembraram ao menos. Ela amou o mancebo desconhecido, seu amor era por tanto desinteressado” (Reis, 2018, p. 74)

Além de Tancredo, seu tio Fernando P. Também se apaixona por Úrsula após avista-lá na floresta, no entanto, diferente do amor de Tancredo que é descrito como um amor puro e sincero, o amor de seu tio é narrado como um amor possessivo. Úrsula se recusa a se casar com seu tio e então decide fugir com Tancredo. Com muita raiva, Fernando P. afirma que não irá descansar até conseguir se casar com a jovem, e esse momento é o primeiro no livro, em que a figura da donzela deixa de ser associado a algo angelical e é narrado como uma figura negativa.

Mulher! Anjo ou demônio! Tu, a filha de minha irmã! Úrsula, para que te vi eu? Mulher, para que te amei?!... Muito ódio tive ao homem que foi teu pai: ele caiu às minhas mãos, e o meu ódio não ficou satisfeito. Odiei-lhe as cinzas; sim odiei-as até hoje; mas triunfaste do meu coração; confesso-me vencido, amo-te! Humilhei-me ante uma criança, que desdenhou-me e parece detestar-me! Hás de amar-me.(Reis, 2018, p. 89)

No entanto, apesar de trazer a personagem Úrsula como uma heroína idealizada na maior parte da narrativa, em alguns trechos Maria Firmina dos Reis busca quebrar esses ideais,

retratando Úrsula como uma jovem destemida e com opinião própria, uma mulher capaz de tomar decisões e decidir o seu próprio destino, como quando opta por fugir de seu tio, e insiste em manter seu relacionamento com Tancredo, mesmo diante de toda fúria do comendador.

As atitudes abusivas de Fernando P. são reflexo dos pensamentos de uma grande parte dos homens da época, que acreditavam ter algum tipo de autoridade sobre as mulheres e que, frequentemente, as viam somente como uma posse, esperando que fossem submissas e seguissem as suas ordens. Mesmo considerando que o romance se passa em um período em que as mulheres eram, de fato, ensinadas a seguir as ordens dos homens, Úrsula decide fugir e não se submeter aos comandos de seu tio.

5.2 D. Luísa B.

D. Luísa B. é a mãe de Úrsula, uma senhora que já está muito doente e acamada ela representa um padrão de mãe perfeita, uma mulher que apesar de todas as dificuldades, se mantém virtuosa, doce, protetora e de moral exemplar, característica que influenciam diretamente na criação de sua filha Úrsula, que foi ensinada, desde a infância como uma mulher deveria se portar.

Ali habita com sua filha única a pobre senhora Luísa B., de quem talvez não ignoreis a triste vida. Essa infeliz paralítica todo o bem que vos poderá prestar limitar-se-á a uma franca e generosa hospitalidade; mas aí está sua filha, que é um anjo de beleza e de candura” (Reis, 2018, p. 30)”

A história de vida de Luísa B é repleta de tragédias e perdas. Filha de pais ricos e respeitados, levava uma vida comum até se apaixonar e decidir se casar com Paulo B., um homem que não era considerado digno para ela, devido às suas condições financeiras, o que despertou a raiva de seu irmão Fernando P. Durante o casamento, seu marido não se mostrou um homem de honra fazendo com quem Luísa B. perdesse a maior parte de sua herança. Após o nascimento de sua filha Úrsula, seu marido demonstra estar tentando se tornar um bom pai e um bom marido, no entanto, isso não o salvo do ódio de Fernando P. que o assassina. Logo após esses acontecimentos, Luísa B. Acaba ficando doente e acamada.

Ah! Senhor! – continuou a infeliz mulher – este desgraçado consórcio, que atraiu tão vivamente sobre os dois esposos a cólera de um irmão ofendido, fez toda a desgraça da minha vida. Paulo B... não soube compreender a grandeza de meu amor, cumulou-me de desgostos e de aflições domésticas, desrespeitou seus deveres conjugais, e sacrificou minha fortuna em favor de suas loucas paixões (Reis, 2018, p. 102)”

Apesar de todos esses desafios, Luísa B. mantém de forma exemplar seu papel de mãe e esposa. Nos relatos de Susana, Luísa B. é descrita como uma pessoa bondosa apesar dos deveres que lhe eram impostos, Susana chega a falar que a ama, pois a mesma, tentou como pode, diminuir as dores que os escravizados eram submetidos.

E ela chorava, porque doía-lhe na alma a dureza de seu esposo para com os míseros escravos, mas ele via-os expirar debaixo dos açoites os mais cruéis, das torturas do anjinho, do cepo e outros instrumentos de sua malva- deza, ou então nas prisões onde os sepultavam vivos, onde, carregados de ferros, como malévolos assassinos, acabavam a existência, amaldiçoando a escravidão; e quantas vezes aos mesmos céus!... O senhor Paulo B. morreu, e sua esposa e sua filha procuraram em sua extrema bondade fazer-nos esquecer nossas passadas desditas!” (Reis, 2018, p. 81)

Enquanto conta a sua história de vida ao cavalheiro, Luísa B. pensa em pedir a Tancredo que proteja Úrsula, pois sente que o seu fim está próximo. Essa atitude reforça o papel esperado por uma mulher, exercendo de forma exemplar a função de mãe, que apesar de estar doente, pensa primeiramente em sua filha. Nesse momento, Luísa B. começa a perder a vida, mas, antes de falecer, pede para que Úrsula fuja de Fernando P. isso indica como o papel maternal era a prioridade de Luísa B. que mesmo em seus últimos segundos de vida, se mantém como uma mãe exemplar e não deixa de tentar proteger sua filha.

Luísa de novo abriu os olhos para dar um último adeus à filha de suas adorações, e por um esforço derradeiro, disse-lhe: — Úrsula, minha filha, teme a cólera de Fernando; mas sobretudo teme e repele seu amor desenfreado e libidinoso. Meu Deus! Perdoai-me se peço nisto... Aconselho-te... que fujas... Foge... minha ...fi...lha!.. fo...ge!...Foram suas últimas palavras a custo arrancadas e entrecortadas pela morte.” (Reis, 2018 p. 98)

5.3 Adelaide

Diferente de Úrsula que é retratada em toda narrativa com características de pureza e castidade, Adelaide é construída como uma moça bonita e atraente ou até como uma imagem mais sensualizada em alguns momentos, “Oh! Sempre ela, sempre ela, em todos os lugares, em todos os tempos, e sempre bela, sempre meiga e sedutora, sempre apaixonada!” (Reis, 2018, p. 46).

Adelaide é apresentada no romance através de Tancredo, que durante alguns momentos de delírio cita o nome da jovem, e após acordar decide contar a Úrsula quem era a moça de quem tanto falava enquanto estava doente. Já no início, Tancredo descreve Adelaide como uma mulher com características mundanas e diabólicas sempre a associando a algo negativo, e fazendo uma comparação com Úrsula que é sempre descrita com características totalmente

opostas. Nesse fragmento, Tancredo reforça essa figura quase demoníaca de Adelaide e contrapõe Úrsula que é narrada como uma figura angelical e até como uma forma de salvação.

No meu delírio, Úrsula, não credes vós quem me aparecia. Oh! Não. Uma outra mulher eu via! Era terrível essa visão infernal, e julguei morrer de desesperação; porque dia e noite ela, implacável, desdenhosa, e fria estava ante meus olhos!... Sim, julguei morrer; mas vós aparecestes junto ao meu leito, vi-vos, e as dores se amodorraram, e como se eu visse a Senhora dos Aflitos levando à minha cabeceira um dos anjos que a rodeiam, e que lançou bálsamo divinal em minhas feridas, que cicatrizaram e o coração serenou, a alma ficou livre. Então a imagem odiosa, que me perseguia, desapareceu para sempre. Úrsula, pude esquecê-la para sempre, sim! Esquecê-la! E esquecer com ela não o amor que sentia; porque essa há muito que me morreu no coração, mas o ódio, o ódio, que lhe votava. A vossa bondade deu-me forças para esquecê-la, talvez mesmo para perdô-la!...” (Reis, 2018, p. 43)

Dessa forma, Maria Firmina dos Reis retrata como a feminilidade e o caráter da mulher eram fortemente ligados a religião e a moral, Oliveira afirma “além de atribuir à mulher uma missão de paz e amor e constituir-se em uma acusação às mulheres que, como Adelaide, são sensuais, parece estabelecer uma relação direta entre sensualidade e falha de caráter” (Oliveira, 2007, p. 82)

Desde o início Adelaide é construída de uma forma que colabore para que ela seja retratada com o oposto de tudo que é idealizado para uma mulher no século XIX. A jovem que já não vem de uma família abastada, acaba perdendo os pais e ficando órfã, fato que, para a época era algo mal-visto. Já que a figura feminina deveria estar sempre sob a proteção de uma figura superior, sendo na infância e mocidade sob os cuidados da família e após o casamento, sob os cuidados do marido.

Depois de tão longo e apurado sofrimento, depois de ter esgotado até as fezes o meu cálice de amargura, votei ódio àquela que fora tão cara. Excessivo era o meu afeto; mas ela quebrou-o, deliu-o do meu coração, e hoje sinto por essa mulher fundo e inextinguível desprezo.” (Reis, 2018, p. 46)

Após retorna a sua casa, Tancredo se depara com Adelaide e logo se apaixona pela jovem, e decide se casar com ela, entretanto, seu pai não aprova essa decisão devido a posição social de Adelaide. Após muito insistir, o pai do cavalheiro aceita o casamento, com uma condição, o jovem deveria se afastar de casa por um período para uma oportunidade de trabalho, e quando voltasse dessa viagem poderia se casar com a jovem.

Após retornar de viagem Tancredo descobre que nesse período em que esteve fora sua mãe acabou falecendo, muito triste o cavalheiro decide ir à procura de Adelaide, e assim a encontra na sala da sua antiga casa, e descobre que ela se casará com seu pai, como a autora descreve no trecho a seguir:

Era Adelaide. Adornava-a um rico vestido de seda cor de pérolas, e no seio nu ondeava-lhe um precioso colar de brilhantes e pérolas, e os cabelos estavam enastrados de joias de não menor valor. Distraída, no meio de tão opulento esplendor, afagava meigamente as penas de seu leque dourado.” (Reis, 2018, p. 63)

É importante ressaltar que, em nenhum momento, Tancredo pensou na possibilidade de Adelaide ter sido forçada a se casar com seu pai, e levando em consideração que ela como dependente dos pais de Tancredo, após a morte de sua mãe, que lhe fornecia uma certa proteção, as chances de Adelaide ter se casado a força são enormes,, fato esse que se dá pois Adelaide nunca ocupou um papel de pureza e delicadeza, o que faz o caráter de Adelaide ser colocado a jogo em diversos momentos do romance.

No epílogo, a autora encerra com um final que seria considerado as consequências das atitudes de Adelaide, pois era esperado que uma mulher com as características dela, considerada malvada e impura, deveria pagar de alguma forma, nesse caso, a de sofrer e ficar triste até o final de sua vida.

Nesse dia chorava Adelaide suas primeiras lágrimas de dor, porque a opulência, e o fausto não bastavam para lhas estancar. Seu primeiro esposoera já morto, envenenado por acerbos desgostos. Ela ludibriara o decrépito velho, que a roubara ao filho; e ele, em seus momentos de crime, impotente, amaldiçoava a hora em que a amara. Ela depois também chorou, e chorou muito; porque as dores que o céu lhe enviou foram bem graves. Casou segunda vez, e o novo esposo, que não amava a

sua deslumbrante beleza, arrastou de aflição até o desespero. E o remorso, que lhe pungia na alma, aumentava a grandeza das suas mágoas, porque a imagem daquela mulher, que tanto a amara, e cujos dias ela torturou sem piedade até despenhá-la no sepulcro, se lhe erguia melancólica na hora do repouso, e a amaldiçoava” (Reis, 2018, p.139).

5.4 Mãe de Tancredo

Assim como Luísa B., a mãe de Tancredo também é descrita como uma ótima mãe e esposa, que cumpria todos os critérios que eram esperados para alguém nessa posição. Casada com um homem que possuía posses e era respeitado, um marido rígido e severo com a esposa e o filho, no trecho abaixo é possível observar, mais uma vez, a figura da mulher relacionada com questões religiosas, seja como algo angelical, como é o caso de Úrsula e da mãe de Tancredo, ou com traços diabólicos, como no caso de Adelaide

Não sei por quê; mas nunca pude dedicar a meu pai amor filial que rivalizasse com aquele que sentia por minha mãe, e sabeis por quê? É que entre ele e sua esposa estava colocado o mais despótico poder: meu pai era o tirano de sua mulher; e ela, triste vítima, chorava em silêncio, e resignava-se com sublime brandura. Meu pai era para com ela um homem desapiedado e orgulhoso – minha mãe era uma santa e humilde mulher.” (Reis, 2018, p. 48)

Durante toda a narrativa, a mãe de Tancredo é descrita baseado na idealização de mãe e esposa perfeita, uma mulher totalmente submissa ao marido, mas que busca educar o seu filho da melhor maneira possível independente dos problemas. O fato de que, a mãe de Tancredo, ser tratada como uma pessoa totalmente submissa ao marido, e de não possuir nenhuma voz dentro da relação, reflete diretamente na criação de Tancredo, que se torna um homem bom, totalmente o contrário de seu pai. Fato esse que contribui para a formação de caráter de Tancredo, que cresce vendo a mãe sendo maltratada pelo pai e desenvolve uma mentalidade diferente de como uma mulher deveria ser tratada, afirma

A educação dos filhos era a única via através da qual a mulher poderia ajudar a construir uma sociedade mais justa e igualitária na qual ela deixaria de ser oprimida, pois formaria homens com mentalidade diferente da dos pais, ensinando-lhes a amar e respeitar seus semelhantes.” (Oliveira, 2007 p. 80)

De acordo com Bourdier “A mulher é, antes de tudo, definida pela relação que mantém com os homens, sejam eles pais, maridos ou filhos.” (Bourdieu, 2011, p. 101), nesse sentido a mãe de Tancredo, não possui um nome dentro do romance, fazendo assim que a personagem perca sua personalidade e seja restringindo somente a suas funções, o que faz o leitor associar que fora do papel de mãe e esposa, o sujeito se torna insignificante, pois sua única função é exercer com êxito a função mãe e esposa.

5.5 Susana

Uma das características que tornam a obra de Maria Firmina dos Reis única e à frente de seu tempo é o fato de dar voz e subjetividade a personagens negros, um ato totalmente incomum para a época. Já no início, Mãe Susana é apresentada com características maternas, algo esperado das mulheres escravizadas, que frequentemente exerciam o papel de mãe e cuidadora tanto dos filhos dos senhores quanto das crianças escravizadas.

“E aí havia uma mulher escrava, e negra como ele; mas boa, e compassiva, que lhe serviu de mãe enquanto lhe sorriu essa idade lisonjeira e feliz, única na vida do homem que se grava no coração com caracteres de amor – única, cuja recordação nos apraz, e em que... Susana, chama-se ela” (Reis, 2018, p. 67)

Um outro ponto que vale a pena considerar é a forma em que a personagem é apresentada ao leitor, como afirma Kracheski, era comum que as personagens negras fossem retratadas majoritariamente com traços e personalidade sensualizada, no entanto Maria Firmina trás Susana de uma outra forma, validando seus sentimentos e opiniões e dando a ela um local de fala dentro da narrativa.

É importante lembrar também as características que Maria Firmina salienta da história de Suzana. Diferentemente de narrativas mais tradicionais, nas quais a mulher negra é geralmente apresentada pelo seu aspecto de sedução e como objeto puramente sexual, disponível ao desejo do homem branco, Suzana é descrita como uma mulher que carrega dor e sofrimento, que lamenta a perda de sua liberdade, do amor do marido e da filha, mas que não se entrega aos caprichos de seu senhor.”(krachenski, 2018, pág 58)

Ao descrever seus traços físicos e sua fisionomia, Maria Firmina já tenta trazer na personagem característica que refletem a sua trajetória e a sua luta. A imagem da personagem representa marcas da sua resistência e da crueldade em que foi submetida.

Susana, chama-se ela, trajava uma saia de grosseiro tecido de algodão preto, cuja orla chegava-lhe ao meio das pernas magras, e descarnadas como todo o seu corpo: na cabeça tinha cingido um lenço encarnado e amarelo, que mal lhe ocultava as alvíssimas cãs”. (REIS, 2018, p. 176)

Como foi apresentado no capítulo anterior, é através das falas de Susana que temos alguns dos relatos mais cruéis e sensíveis de todo o romance. De forma detalhada, Susana narra como acontecia o processo de captura e transporte dos escravizados, expondo a desumanização a qual eram submetidos. O fato de ser uma mulher negra, pobre e escravizada, relatando algo tão delicado de forma explícita e não romantizada é um dos pontos altos da narrativa, pois até o momento, não havia registros literários em que o processo doloroso da escravidão fosse narrado com tantos detalhes, muito menos, um romance em que uma mulher negra tivesse voz ativa, ainda mais para fazer uma denúncia desse gênero.

A autora escreveu de acordo com a consciência possível para a época. E conferiu grande importância as personagens negras escravas Além de uma forte voz à escrava Mãe Susana, que é quem vai falar das memórias de sua amada África, uma terra de liberdade. A fala de Mãe Susana é realmente um dos pontos altos do romance e o tom de paixão, saudade e dor que transparecem deste texto bem mostram o engajamento de Maria Firmina na defesa do negro” (Muzart, 2014. Pág 256)

Após a fuga de Úrsula, Fernando P. retorna ao casarão e, ao não encontrar a jovem, resolve questionar Susana sobre o paradeiro dela. Susana responde que não sabe informá-lo. Com isso, o comendador manda prendê-la, à espera de que ela possa revelar algo que o ajude a encontrar a jovem. Nesse momento, o padre aconselha Susana a fugir, mas ela responde: “Mas os que estão inocentes não fogem.” Essa fala carrega um peso relevante na narrativa e mostra toda a força de Susana, que, apesar de toda a violência sofrida e sabendo que as chances de ser agredida ou morta eram enormes, opta por não fugir. Sua escolha revela que era um ser digno, pois era inocente, evidenciando sua força, coragem e resistência”

Então a voz tornou-se a ouvir, e um homem apareceu. Era o ex-feitor; o padre e os negros o reconheceram.

— Foge, Susana!

— Fugir? Não, meu senhor. Não sabeis que sou inocente?

— Louca! – tornou ele – Toma o meu cavalo e foge. Que importa àquela fera a tua inocência? Acaso não conheces o comendador?

Susana replicou-lhe com vivo reconhecimento:

— O céu vos pague tão generoso empenho; mas os que estão inocentes não fogem.” (Reis, 2018, p. 119)

Após ser mantida presa, Susana acaba falecendo. No entanto, sua morte vai além de um fim trágico e carrega uma simbologia profunda para a narrativa. Susana representa um dos inúmeros inocentes que perderam suas vidas durante o processo de escravidão, mortos de forma cruel e desumana, sem a menor dignidade. Sua morte, em um contexto onde a vida de negros e negras era marginalizada e desvalorizada, simboliza o apagamento das histórias e vozes daqueles que sofreram e morreram, inocentes e silenciados. Nesse sentido, a morte de Susana se torna um reflexo da opressão sistêmica, promovendo uma reflexão e fazendo uma crítica ao sistema escravocrata, machista e racista, demonstrando empatia a todas as vidas perdidas, nesse processo desumano.

Vedes? – lhe disse apontando com o dedo na direção do poente. – É ela, é Susana! O comendador levantou maquinalmente a cabeça e olhou. Em uma rede velha levavam dois pretos um cadáver envolto em grosseira e exígua mortalha; iam-no sepultar!” (Reis, 2018, p.140)

Como afirma Mendes, Maria Firmina dos Reis exerceu um papel inovador ao reservar um capítulo inteiro para Susana, uma mulher negra e escravizada. Em um contexto em que os negros eram retratados apenas como mercadoria, a autora insere uma personagem negra e, através de suas falas, não só lhe dá voz, mas também a representa como um ser digno e um símbolo de resistência. Susana não segue os padrões literários atribuídos às personagens negras; ela é construída como uma figura complexa, com história própria, vivências, sentimentos e, principalmente, muita resistência.

Ao dedicar o capítulo a uma negra africana, Maria Firmina dos Reis inova, porque, até onde se sabe, na literatura, o negro não era pf como ser humano. É por intermédio das reminiscências da personagem preta Susana que a escritora faz a tentativa de avisar ao despreocupado leitor de século XIX quão brutal e desumana é a forma pela qual o homem livre é transformado em cativo. São descritas cenas marcantes de sua

captura, a separação dos familiares e da terra natal, a tormentosa viagem e o processo de degradação dos seres humanos, tratados como animais ferozes.” (Mendes, 2011, p. 83)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o trabalho desenvolvido, foi possível fazer uma análise do romance *Úrsula* e refletir sobre a construção estética das personagens presentes na narrativa, com ênfase na personagem Susana. Além disso, pôde-se pensar como Maria Firmina dos Reis desafiou os padrões literários impostos no século XIX. Em um contexto marcado pelo preconceito e pelo machismo, em que a maior parte das obras literárias romantizavam a escravidão ou minimizavam a crueldade que ocorria, e representava a mulher como uma figura totalmente submissa, Maria Firmina apresenta cinco personagens complexas e singulares, dando voz e autonomia a figuras que historicamente foram silenciadas.

Nesse sentido, Susana é o principal objeto de estudo deste trabalho, pois, além de ser uma personagem repleta de força e coragem, ocupa um espaço relevante dentro da narrativa. Ela exerce um papel fundamental que ultrapassa a função de coadjuvante, simbolizando a resiliência e trazendo à tona a memória daqueles que foram constantemente silenciados e subjugados. Além disso, Susana rompe com estereótipos racistas e machistas que associavam pessoas negras à barbárie, à agressividade e à incapacidade. Mais do que isso, sua presença e seu discurso fazem o leitor questionar quem, de fato, é o verdadeiro vilão da história.

Portanto, a análise da personagem Susana, permitiu não apenas compreender sua importância dentro da narrativa de *Úrsula*, mas também refletir sobre como Maria Firmina dos Reis usou a literatura como ferramenta de resistência e de denúncia. Ao se distanciar dos modelos literários dominantes de sua época, a autora abriu espaço para uma representação mais verdadeira e humanizada de pessoas negras, especialmente mulheres. Susana não é apenas uma personagem comvente, ela é uma figura que provoca, e que resgata uma memória coletiva muitas vezes esquecida. É necessário reconhecer que, ainda hoje, há muito a ser dito, lido e pensado sobre essas vozes, que mesmo marginalizadas e silenciadas por tanto tempo, seguem ecoando com força.

E, apesar de estarmos vivendo em um século em que a mulher tem muito mais espaço de fala do que na época de Maria Firmina dos Reis, ainda dá pra perceber que as mudanças não

foram tão grandes assim. Um exemplo claro disso é o fato de que uma obra tão profunda quanto *Úrsula*, que é considerado o primeiro romance abolicionista escrito por uma mulher negra no Brasil, ainda não ser amplamente conhecido. Uma obra com personagens construídos de forma inovadora e com críticas tão fortes e relevantes, deveria estar muito mais presente nos debates, nas escolas e nas universidades. Por fim, é fato que *Úrsula* ainda tem muito a ser estudado, e reconhecido como parte essencial da nossa trajetória literária.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: Parte I – Fatos e mitos**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.
- BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa feminina**. São Paulo: Ática, 1990.
- CANDIDO, Antonio. **O romantismo no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2012.
- CANDIDO, Antonio. **Personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- CARVALHO, Jéssica Catharine Barbosa de. **Escravidão negra pelo olhar de Maria Firmina dos Reis no romance Úrsula**. Revista Interdisciplinar em Cultura e Sociedade, São Luís, v. 4, n. especial, p. 139–153, 16 ago. 2018. Disponível em: <<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/ricultsociedade/article/view/9584>>. Acesso em: 8 fev. 2025.
- DUARTE, Constância Lima. **Feminismo e literatura no Brasil. Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 151–172, 2003. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9950>>. Acesso em: 2 fev. 2025.
- DUARTE, E. de A. **Escravidão e patriarcado na ficção de Maria Firmina dos Reis**, Estudos Linguísticos e Literários, 2018 – Universidade federal de Minas Gerais, Salvador, 2018 Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/estudos/article/view/28876> Acesso em: 26 fev. 2025.
- HAHNER, June E. **Mulheres brasileiras e suas lutas sociais e políticas: 1850-1937**. São Paulo: Brasiliense, 1981.
- KRACHENSKI, Naiara. **Escravidão e subjetividade: notas sobre o romance Úrsula de Maria Firmina dos Reis**. 2018 – Universidade federal do Paraná, Curitiba, 2019.
- MENDES, Algemira de Macedo. **O discurso antiescravagista em Úrsula, de Maria Firmina dos Reis / The anti-slavery discourse in Úrsula, by Maria Firmina dos Reis**. Revista Cerrados, 2011. Disponível em:

<<https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/26037>>. Acesso em: 11 jan. 2025.

MENDES, Melissa Rosa Teixeira. **Uma análise das representações sobre as mulheres no Maranhão da primeira metade do século XIX a partir do romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. São Luís, 2013. Universidade Federal do Maranhão, Maranhão, 2013.

MORAIS FILHO, José Nascimento (Org.). **Maria Firmina: fragmentos de uma vida**. São Luís: Comissão Organizadora das Comemorações do Sesquicentenário de Nascimento de Maria Firmina dos Reis, 1975.

MUZART, Zilá Bernd. **Uma pioneira: Maria Firmina dos Reis**. Muitas Vozes, [S.l.], v. 2, n. 2, p. 247–260, 2014. DOI: 10.5212/MuitasVozes.v.2i2.0007. Disponível em:

<<https://revistas.uepg.br/index.php/muitasvozes/article/view/6400>>. Acesso em: 18 jan. 2025.

OLIVEIRA, Adriana Barbosa de. **Gênero e etnicidade no romance Úrsula, de Maria Firmina dos Reis**. 2007. Dissertação (Mestrado em Letras: Estudos Literários) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

REIS, Maria Firmina dos. **Úrsula e outras obras** [recurso eletrônico]. Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2018. (Série Prazer de Ler; n. 11, e-book). Conteúdo: Úrsula – Gupeva – A escrava – Cantos à beira-mar.

SACRAMENTO BLAKE, Augusto Victorino de. **Dicionário bibliográfico brasileiro**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1900. p. 232.

SCHMIDT, Rita Terezinha. **Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, set. 2006.